



ORALITURA EM AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO ESPAÇO PARA DIÁLOGOS INTERCULTURAIS

ORALITURE IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES AS A SPACE FOR INTERCULTURAL DIALOGUES

Josilene Pinheiro-Mariz¹

Marcela de Melo Cordeiro Eulálio²

RESUMO:

Intenta-se, neste artigo, discutir a respeito da “oralitura” enquanto caminho eficaz para instigar diálogos interculturais entre Brasil e Moçambique. Tais ponderações estão ligadas à reinvenção da oralidade enquanto elemento tradicionalmente intrínseco às culturas africanas. Nossas reflexões foram incitadas a partir da leitura de contos de tradição oral, originários dos dois países supracitados, entre estudante do Ensino Médio de uma escola pública, como procedimento elementar para atender à Lei 10.639/2003 que preconiza o ensino da cultura africana e afro-brasileira no ensino básico. Os contos “Porque o negro é preto” e “As mãos dos pretos” abordam a mesma questão: o racismo. Embora pareça ser uma discussão antiga, essa temática ainda provoca controversos posicionamentos, conforme observamos em nossa turma de segundo ano do Ensino Médio. As nossas considerações são ancoradas em Leite (2012), Freitas, (2010), Nunes (2009), Abdalah-Preitceille (2002), Munanga (2005), dentre outros que embasam este estudo. Esta pesquisa-ação é de cunho quali-quantitativo, pois busca identificar fatores que determinam comportamentos, muito provavelmente, subjacentes à vida dos estudantes, enquanto parcela importante da sociedade atual. Os resultados mostram que nessa escola pública, a Lei Federal não é cumprida, refletindo que ainda há a carência de se discutir a literatura/cultura africana no ensino básico.

PALAVRAS-CHAVE: oralitura, literatura, tradição oral, racismo.

ABSTRACT:

This paper is an attempt to discuss “oraliture” as an effective way to instigate intercultural dialogues between

1 Professora Doutora da Universidade Federal de Campina Grande; jsmariz22@hotmail.com.

2 Mestra em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande; celinha.lettras@hotmail.com.

Brazil and Mozambique. Such considerations are linked to the reinvention of orality as an element traditionally intrinsic to the African cultures. Our reflections were prompted from the reading of oral tradition tales, originating in the two countries above, involving high school students in a public school, as the elementary procedure for compliance with Law 10,639 / 2003, which calls for the teaching of African and Afro-Brazilian culture in basic education. The tales “Porque o negro é preto” and “As mãos dos pretos” deal with the same issue: racism. Although it seems to be an old discussion, this issue still provokes controversial positions, as noted in our class of second year of high school. Our considerations are anchored in Leite (2012), Freitas, (2010), Nunes (2009), Abdallah-Preitceille (2002), Munanga (2005), among others that support our study. This action research is of qualitative and quantitative nature, for it seeks to identify factors that determine behaviors, most likely underlying the lives of students as an important part of today’s society. The results show that in this public school the Federal Law is not met, reflecting that there is still a need to discuss the African literature or culture, not basic education.

KEYWORDS: *oraliture, literature, oral tradition, racism.*

1. Introdução

Tradicionalmente, as literaturas africanas estão ligadas à oralidade, pois a figura do *griot*, por exemplo, sempre foi emblemática nessa cultura, sobretudo, ao sul do deserto do Saara. Isso precisa ser marcado, posto que o continente africano “acomoda” culturas diversas, como aquelas que originaram os povos que estão ao norte do grande deserto: fenícios, egípcios, berberes, árabes e outros, considerada por historiadores como África Branca. Mas, percorrendo no fio da História, a narrativa oral - longa ou curta -, construída por contos, lendas e provérbios, também esteve muito presente entre o povo africano da conhecida África Negra, - em oposição à região que está ao norte do continente -, e tem alimentado o imaginário de muitos outros povos a esse respeito, como o do povo brasileiro.

O discurso do pensador malinês Amadou Hampâté Bâ, na Organização das Nações Unidas, entrou para a história ao sancionar a importância da oralidade na África, como um todo e ressaltando o valor do velho africano, ao dizer que “*Quand un vieillard meurt, c’est une bibliothèque qui brûle*”³. Essa assertiva ratifica, portanto, a importância da tradição oral naquele continente. A partir daí, pode-se dizer que a tradição oral é um elemento fortemente cultural, pois parece jazer nas veias do povo africano. Afinal, essa conduta seria o quê, senão a cultura? Entendemos assim, pois para Santos (2006), a cultura pode ser vista como um comportamento implícito que rege as mais diversas áreas da nossa sociedade.

Para que tal conceito seja melhor entendido, observe-se que nos estudos de Santos (2006) existem duas concepções básicas de cultura: a primeira se refere a todos os aspectos de uma realidade social, enquanto a segunda diz respeito ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo. Vê-se que, na primeira concepção, a cultura é concebida como algo mais amplo, fazendo referência às características gerais de um determinado povo, seja na maneira pela qual a sociedade se organiza, seja pelos seus aspectos materiais.

Na segunda concepção, a cultura é vista como algo mais específico, que considera as maneiras de agir de um determinado povo, atendendo ao conhecimento, ideias e suas crenças. Muito embora sejam duas concepções, ambas estão interligadas, uma vez que não se pode falar da forma como um grupo age sem

3 “Quando um ancião morre [na África], é uma biblioteca que queima” (Amadou Hampâté Bâ). Disponível em: <http://portal.unesco.org/fr/ev.php-URL_ID=30642&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>.



pensar na sociedade, de um modo mais geral. Então, a primeira concepção de Santos (2006) é o viés pelo qual se apreende que, no que diz respeito às relações culturais, por vezes, não é fácil ver a cultura do outro compreendendo-a, sem marginalizá-la ou violentá-la de alguma forma. Isso pode ser observado nas reflexões de Fleuri (2003) que, discutindo sobre as relações culturais, afirma que as culturas são comparadas a partir de uma lógica binária, partindo-se de uma noção de que sempre existiria o inferior e o superior, pobre *versus* rico, negro *versus* branco, ou:

Na maioria das vezes, as relações entre sujeitos e entre culturas diferentes são consideradas a partir de uma lógica binária (índio x branco, centro x periferia, dominador x dominado, sul x norte, homem x mulher, criança x adulto, normal x deficiente...) que não permite compreender a complexidade dos agentes e das relações subentendidas em cada pólo, nem a reciprocidade das inter-relações, nem a pluralidade e a variabilidade dos significados produzidas nessas relações. (FLEURI, 2003, p.11)

Assim, pensando na necessidade de uma visão dialogada, na sala de aula, traçamos um percurso semelhante ao de Fleuri (2003), ao destacar tal polaridade para compreender a cultura. No entanto, tivemos como objetivo identificar as opiniões/crenças a respeito do continente africano para então, posteriormente, apresentarmos reflexões sobre a necessidade de serem quebradas as representações e clichês historicamente acomodados no imaginário dos estudantes de Ensino Médio da escola em que a nossa pesquisa foi desenvolvida, o que pode, até, ser uma representatividade de um todo. O principal intento, além de levar uma obra literária de tradição oral africana para os jovens, era também discutir como eles percebiam as relações dialógicas entre o Brasil e Moçambique, partindo-se da leitura literária e motivando a identificação de elementos que demonstravam que a lógica binária precisa ser, ainda que parcimoniosamente, eliminada das salas de aula, ratificando, então, a necessidade de se fazer cumprir a Lei que orienta sobre o ensino da cultura africana nas escolas da educação básica no Brasil.

Foi por esse viés que identificamos na “oralitura” o caminho que nos conduziria à provável e possível quebra de estereótipos tão arraigados no pensamento dos jovens estudantes. Assim, estas ponderações estão ancoradas em bases que têm na literatura de tradição oral africana, escrita, o principal recurso que pode promover reflexões a respeito da literatura e cultura africana como instrumento que instiga a pensar sobre os próprios valores e opiniões e/ou crenças⁴ dos estudantes. Para refletir sobre os resultados encontrados, baseamo-nos nos estudos de Leite (2012), Freitas, (2010) e Nunes (2009), que trazem importantes considerações para se pensar a reinvenção da oralidade no contexto africano de língua portuguesa, dando-nos o suporte necessário para se identificar a tradição oral como um importante repositório da memória africana, em especial, quando reinventada, unindo-se à escrita e resultando na oratura ou na oralitura. Munanga (2005) constituiu-se na base teórica para discutirmos a questão do racismo na escola. Elemento que foi identificado na leitura dos dois contos: o da tradição oral brasileira, “Porque o negro é preto” e o moçambicano “As mãos dos pretos”. Em Abdalah-Preitceille (2002), encontramos a assertiva que sustenta a nossa pesquisa ao afirmar que a literatura é o mais eficaz recurso para se promover, em sala de aula, as trocas interculturais, favorecendo, dessa forma, a educação intercultural, isto é, uma premissa assegurada pelos direitos humanos que todos são iguais. Logo, entendemos que o quanto antes se começar a travar a batalha em prol dessa educação, mais cedo teremos estudantes e cidadãos menos xenófobos, ampliando as suas visões de mundo para o que é universal.

4 Não é nosso objetivo, nestas reflexões, discutir as noções de crenças, da linguística aplicada (LA), amplamente estudadas por Barcelos (2004) e Silva (2007). Aqui, tratamos de crenças pelo olhar da psicologia cognitiva que, na verdade, dá suporte para a LA. “Essas crenças são moldadas por experiências pessoais e derivam da identificação com outras pessoas significativas e da percepção das atitudes das outras pessoas em relação ao indivíduo” (KNAPP; BECK, 2008, p. 557).

Assim, esta pesquisa-ação de cunho quali-quantitativo busca levar a literatura de tradição oral para a sala de aula, identificando opiniões e/ou crenças que determinam atitudes preconceituosas como o racismo, enquanto um comportamento bastante enraizado na formação sociocultural do nosso povo. Após as discussões com o grupo de cerca de trinta estudantes do segundo ano do ensino médio de uma escola pública do município de Campina Grande, na Paraíba, constatamos que naquela instituição de ensino, a Lei Federal 10.639/03 não é cumprida, o que pode reforçar a necessidade de se formar cidadãos mais críticos e menos preconceituosos e ainda a realça a importância do cumprimento dessa Lei, que visa ao ensino e à reflexão sobre a literatura/cultura africana no Ensino Básico em nossa país.

2. A reinvenção da tradição oral na África lusófona: a oralitura

Evidentemente, a literatura por si só provoca discussões das mais diversas. A tentativa de conceituá-la é, muito provavelmente, uma das tarefas mais executadas por críticos e teóricos da literatura. Para o francês Antoine Compagnon (2010), por exemplo, a “literatura é tudo o que é impresso (ou mesmo manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém (incluindo-se aí o que se chama literatura oral, doravante consignada)” (COMPAGNON, 2010, p.31). Para este crítico, a literatura oral teria o mesmo status da escrita? Ora, se literatura é o impresso ou manuscrito, como a literatura oral também estaria nesse âmbito? Não seria contraditório dizer que o oral é escrito? Estudiosa da literatura oral na África, a antropóloga norte irlandesa Ruth Finnegan (2012) apresenta um verdadeiro tratado do que seria a literatura oral e ressalta que se trata de uma literatura não escrita e que tem vida na memória de seus contadores que fazem verdadeiras performances, como jogos teatrais, dando um grande significado às histórias. Finnegan (2012) lembra ainda que, historicamente, o *griot* ocupa esse lugar e que não há espaço para as vozes femininas. Então, tem-se um problema: a conhecida literatura de tradição oral não seria literatura?

Ressalte-se que muitas pessoas consideram a oralidade apenas como um termo utilizado para denominar a comunicação verbal. Dito de outra forma, a oralidade teria unicamente a função de verbalizar pensamentos e ideias. É, portanto, necessário compreender que, além de servir como elemento comunicativo, a oralidade também pode funcionar como essência na cultura de um determinado povo. Isso posto, pensa-se na literatura oral como aquela literatura que não possui registro escrito e que é passada de geração em geração, pela forma mais antiga de disseminar o conhecimento que é a fala.

Por esse prisma, Nunes (2009) nos dá suporte ao afirmar que a tradição oral serve como fonte histórica que é resguarda de geração em geração na memória dos homens, acrescentando ainda que:

Nas regiões do mundo habitadas por povos sem escrita, a tradição oral é a principal fonte histórica que pode ser usada para a reconstrução do passado. De igual modo, entre os povos que conhecem a escrita, um número de fontes históricas, entre as mais antigas, descansam sobre tradições orais. Podemos referir como exemplo a importância, para a história do mundo ocidental, das epopeias gregas homéricas, que reuniam um conjunto de histórias com longa tradição oral, contadas e recontadas publicamente, sem intervenção autoral. (NUNES, 2009, p.37-38)

É necessário dizer que foi pelas vias da tradição oral que os historiadores resgataram a história da Grécia, o que confirma a importância dessa tradição. Na África, a escrita foi levada pelos colonizadores e sofreu forte influência da cultura oral local, lembra-nos Freitas (2010) em *Literarização da oralidade e oralização da literatura nas culturas africanas*. A pesquisadora assevera que a oralidade e a literatura seriam antagonistas enquanto retrato de uma civilização, mesmo dadas a importância de ambas. Nunes (2009) afirma



que antes de os colonizadores chegarem à África com a escrita, os velhos contavam suas histórias e o texto “era oral, gesto, dança, ritual e era para ser falado, ouvido e visto. Contudo, o invasor não percebeu esta realidade e respondeu com o tiro de canhões” (NUNES, 2009, p.41).

Em um continente no qual a cultura oral parece ser ainda hoje dominante, a literatura —que é escrita— torna-se rival por ser um elemento colonizador; entretanto, por mais que haja essa contraposição, Freitas (2010) lembra que a oralidade precisou passar por uma literarização para tornar-se em objeto de estudo. Consequentemente, para ser estudada, tendo em vista a sua natural mutabilidade, essa oralidade precisou ser fixada de alguma forma, como afirma Freitas (2010, p.7): “os produtos da oralidade, portanto, só se tornaram objetos de análise a partir de práticas advindas do horizonte da escrita, que também tendem a fazer deles objetos literários de diferentes níveis”.

Nessa esteira, entendemos que o primeiro desses níveis reside no fato de a crítica literária ter batizado a oralidade de literatura oral; termo originado do seguinte pensamento:

Oralidade e literatura são dois domínios culturais que dependem da expressão verbal e que se definem por um repertório de obras mais ou menos identificáveis produzidas dentro de um quadro institucional. Mas muitos pesquisadores mostraram que muitos traços as colocam em oposição: a oralidade “natural” depende de uma comunicação direta, “imediate”, enquanto que a comunicação literária é indireta, mediatizada pelo objeto livro. Assim, o primeiro domínio, nessa forma natural, não conhece possibilidade de estocagem do repertório para além da memorização, ao contrário da literatura cujas produções podem ser materialmente estocadas. (FREITAS, 2010, p.8)

Por essa ótica, as obras orais não possuiriam a mesma estabilidade das obras escritas, haja vista que possuem variabilidade; por essa razão, o ditado que diz “quem conta aumenta um ponto” é completamente aplicável neste caso. Isto é, na medida em que os textos orais são reproduzidos, são também modificados, o que comprova a sua variabilidade, daí a necessidade da literarização da oralidade, ou seja, o registro⁵ escrito dos textos orais.

Nesse universo, é necessário situar o leitor para que ele entenda a amplitude e importância da tradição oral, pois quando o leitor não conhece tal cultura, corre o sério risco de deparar-se com um livro de textos de tradição oral, a exemplo da antologia de Viale Moutinho: *Contos populares de Angola* e não depreender a verdadeira natureza da oralidade, por desconhecer o percurso que esse objeto cultural percorreu até ser registrado (FREITAS, 2010). Embora compreenda-se que o leitor utiliza-se de seu conhecimento de mundo, consequentemente de sua cultura, ao realizar o ato de ler e interpretar textos de outras culturas, é necessário que esse leitor amplie seus horizontes procurando entender também a cultura do outro, na qual o texto foi produzido e reproduzido para evitar que haja uma má compreensão, resultando em preconceitos.

Em razão da necessidade de reconhecimento desses textos da tradição oral, Freitas (2010) afirma que alguns críticos criaram outros termos que representam a literarização da oralidade, sendo eles: oratura ou oralitura. Apesar desse fato, não houve extinção do termo literatura oral que representa apenas os textos que são produzidos e reproduzidos oralmente e que não podem ser registrados. Faz-se necessário, portanto, definir os termos oratura ou oralitura como uma reinvenção da oralidade e da escrita, constituída, assim, da junção dos dois elementos, resultado da chegada da escrita às sociedades de tradição oral, confluindo para o forjamento do termo, partindo-se da literarização da oralidade. Todavia, por mais que

5 A partir do momento em que esses textos orais são registrados, passam a ser denominados oralitura, isto é, textos originados da tradição oral e escritos para registro.

essa oralidade tenha sido literarizada, é necessário marcar o que afirma Freitas (2010) ao assegurar que:

A aplicação do termo *literatura* a uma parte da produção verbal das civilizações da oralidade tal como das civilizações da escrita, na condição de que ela esteja fundamentada numa análise séria das práticas, apresenta, por outro lado, a vantagem de dar conta de uma consciência poética da linguagem comum aos dois tipos de cultura. (FREITAS, 2010, p.12)

Não só a literatura escrita possui a linguagem poética ou a estrutura de um texto literário. A oralidade africana foi literarizada e fixada nas antologias de textos orais publicadas, afirmando que, entre os séculos XIX e XX, a transcrição dos textos orais era realizada sem o gravador, visto que esse instrumento não existia; então, não havia recursos para se fazer as transcrições dos textos orais de modo fidedigno. Na realidade, o que acontecia eram transcrições com uma fidelidade aproximada ao texto original, segundo a autora, os textos:

[...] eram reproduzidos de memória, após terem sido ouvidos e muito frequentemente a partir de interpretações que já eram traduções para uma língua europeia feitas pelos intérpretes da administração colonial. Isto quer dizer que os enunciados eram reescritos muito livremente, na maioria das vezes por administradores europeus ou viajantes, que tendiam naturalmente a fazer isto segundo as formas culturais com as quais estavam familiarizados, isto é, no estilo dos textos literários. (FREITAS, 2010, p.12-13)

Assim, constata-se que as transcrições dos textos orais realizadas antes da existência do gravador eram subjetivas, considerando o fato de que as pessoas que transcreviam esses textos terminavam reformulando essas histórias de acordo com a sua cultura; nesse contexto, entende-se bem o papel do idoso como aquele repositório da memória de uma dada comunidade. Na segunda metade do século XX, ainda segundo Freitas (2010), os etnólogos começaram a se interessar pelas produções da oralidade acarretando, desse modo, numa exatidão mais profícua dos textos orais, embora, mesmo assim, somente no final desse século, tenha-se iniciado uma verdadeira poética da oralidade africana cujos efeitos são vistos hoje nas publicações de obras, como por exemplo, o livro de contos *As mãos dos pretos*, de Nélon Saúte. Ressalta-se que isso só foi possível devido à ação decisiva de alguns pesquisadores africanos que consideraram como importante a forte tradição oral.

É importante lembrar ainda que, além das antologias de textos orais que começaram a surgir, existe também um outro recurso utilizado por alguns autores africanos como forma de preservar a tradição oral do continente que são os textos orais, como contos, lendas, mitos e provérbios dentro de obras tradicionalmente literárias. Tal recurso pode ser percebido, por exemplo, nas obras de Mia Couto, considerado um *griot* da atualidade, dentre as quais se pode citar o romance *Terra sonâmbula* que apresenta em sua estrutura, as lendas contadas nos cadernos do guerreiro Kindzu.

Esse é um outro tipo de literarização que pode dar-se de duas formas, de acordo com Freitas (2010): ou a obra toma, por assunto, uma história tratada na tradição oral, ou cita referências da oralidade na sua obra literária como fez Mia Couto no romance supracitado. É importante destacar que:

Essas frequentes referências à oralidade, visíveis ou veladas por códigos que permitem estabelecer toda uma rede de cumplicidades com o leitor africano, levaram a crítica a se perguntar, já há algum tempo, se o traço da cultura oral na literatura africana devia se limitar a sua presença temática ou se era necessário também abordá-la como um fator determinante das modalidades de escrita, tanto no plano da linguagem, como no da estrutura das obras. (FREITAS, 2010, p.19)

Essa discussão sobre a influência que a oralidade exerce sobre a escrita recorda o primeiro momento em que os textos começaram a apresentar referências da oralidade e as culturas orais agiram fortemente



exercendo influência sobre a escrita dos autores africanos. Para Freitas (2010), essa presença da oralidade na literatura escrita edifica-se por meio de dois traços que fundamentam a oralidade, sendo eles: a mimese, que possibilita uma reprodução fiel do discurso; e, a variabilidade que está sempre presente na oralidade, uma vez que cada intérprete apresenta a sua própria maneira de ver, gerando uma variação da história oral, resultando na necessidade da literarização da oralidade quando se pensa em torná-la um objeto de estudo. Além disso, mais importante do que torná-la um objeto de estudo, é preservá-la das subjetividades alheias.

Os textos da oralitura que levamos para a sala de aula têm características de contos, dada a sua brevidade, muito embora, o gênero conto também seja passível de diversas discussões, assim o consideramos a partir de estudos sobre tal. Discutindo o conto, Leite (2012) utiliza o termo conto oral, afirmando sobre esse gênero, que: “[...] no âmbito da literatura, o conto foi, e continua a ser, muitas vezes, encarado como a ‘forma’ adequada, o instrumento narrativo ‘africano’ por excelência” (LEITE, 2012, p.26). Pensando-se na oralitura e, nesse caso, na oralitura africana, depreende-se que o conto de tradição oral preserva e retrata a cultura do povo africano tornando-se um potente instrumento literário e, por consequência, cultural.

A divisão entre conto de tradição oral e o escrito não é contemporânea, embora entenda-se que sempre há reatualizações dos conceitos já existentes, tendo-se em conta que o próprio conto de tradição oral, assim chamado, por exemplo, por Leite (2012), pode ser denominado conto popular, conto maravilhoso e conto tradicional, termos esses que alguns autores utilizam.

Com essas considerações, passamos às reflexões sobre os dois contos na sala de aula do Ensino Médio como recurso para se conhecer Moçambique enquanto um país de língua português e situado no continente africano, de onde foram trazidos escravos que também ajudaram na constituição do povo brasileiro.

3. Contos da oralitura na aula de língua portuguesa para pontes interculturais

A oralitura, ou oratura, tem gerado obras muito ricas, dentre as quais se pode citar as que subsidiaram a escolha para nosso estudo: o livro *As mãos dos pretos*, do moçambicano Nelson Saúte e *Contos tradicionais do Brasil*, do brasileiro Câmara Cascudo. Ressaltamos que, na cultura de tradição oral do Brasil, o português Câmara Cascudo é um dos principais referenciais de pesquisa. Com seus contos que deram suporte para estas reflexões, como o conto “Porque o negro é preto”, pudemos observar quão manifesto pode ser o diálogo entre os dois países escolhidos para estas discussões. Por intermédio dessas obras, é possível se perceber um confronto de retratos culturais, que os textos trazem, destacando-se os costumes, as crenças religiosas, as práticas políticas e educacionais de um povo.

Essa riqueza cultural dos contos da oralitura mostra que é necessário conhecer a cultura moçambicana, assim como a brasileira de tradição oral, iniciada pelos indígenas do Brasil. É imprescindível perceber quais os costumes presentes nesses espaços geográficos e socioculturais para, só então, compreender tais textos. Por isso, é importante ratificar que, embora o autor (ou a fonte) tenha grande importância na recepção dos textos, um dos principais responsáveis pela recepção dos textos é o leitor. Sabe-se que o autor teve uma intenção ao escrever o texto, no entanto, essa intenção só será entendida e descoberta se houver um leitor para lê-lo, como afirma Iser (1996) quando desponha as perspectivas fundadas na leitura e as objeções dos teóricos tradicionais sobre a teoria da recepção.

A interpretação começa hoje a descobrir sua própria história, ou seja, não só os limites de suas respectivas normas, mas também os fatores que não manifestavam sob as normas tradicionais. Um desses fatores é, sem dúvida, o leitor, ou seja, o verdadeiro receptor dos textos. Enquanto

se falava da intenção do autor, da significação contemporânea, psicanalítica, histórica etc, dos textos ou de sua construção formal, os críticos raramente se lembraram de que tudo isso só teria sentido se os textos fossem lidos. (ISER, 1996, p.49)

Ressalve-se, por essa perspectiva, o quão importante é a presença do leitor na recepção do texto, independentemente do tipo de texto, pois o ficcional pode retratar a realidade, uma vez que seu autor (ou seus autores, no caso da oralitura) trazem para o texto toda uma experiência de vida. De acordo com Stierle (1979), “a relação do texto com a realidade não é uma simples função de uma realidade a ser retratada, mas sim de uma poética da ficção, que pode ser ora mais, ora menos relacionada com a realidade e com experiência coletiva da realidade” (STIERLE, 1979, p.131-132).

Diante desta discussão, observar o conto de tradição oral como um elemento intermediário no processo de leitura na sala de aula de Língua Portuguesa é um elemento que propicia o diálogo intercultural entre as culturas brasileira e moçambicana na sala de aula. Todavia, para que houvesse esse diálogo, foi imprescindível a reflexão sobre como abordar o conto oral na sala de aula, construindo-se pontes interculturais.

Partindo para a leitura dos contos *Porque o negro é preto* (brasileiro) e do moçambicano *As mãos dos pretos*, constata-se que o elemento norteador da história contada nos textos é semelhante: a palma das mãos e a sola dos pés dos negros são mais claras do que o restante do corpo. Identificam-se outras semelhanças entre essas narrativas, como a presença da temática do racismo sendo, aparentemente, explicada pelo cristianismo, com personagens como Jesus, Deus, Nossa Senhora e Santo Pedro e de elementos sagrados como o Rio Jordão.

No conto brasileiro, o fato que norteia a narrativa é justificado apenas com um motivo: a mulher mentiu para Jesus Cristo e, como punição, Ele deixou os filhos dela da cor de carvão (em uma clara alusão ao pecado). Para os filhos voltarem a ser brancos (cura), a mulher precisou seguir o conselho do Santo Pedro, levando-os ao Rio Jordão, cujas águas são sagradas. No entanto, ao chegarem ao rio, havia apenas a quantidade de água suficiente para lavar a palma das mãos e a sola dos pés das crianças. Já no conto africano, haveria várias razões justificando as solas das mãos dos negros serem mais claras que o restante do corpo.

Verifica-se no conto moçambicano que o racismo parece estar vinculado à certa ironia dos personagens, construída no momento em que a superioridade de raças era real em Moçambique diante da colonização europeia. Outro fator decorrente da colonização moçambicana presente na narrativa é o capitalismo ressaltado pela alusão à Coca-cola, como se pode identificar no personagem, o: “senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as coca-colas das cantinas já tenham todas sido vendidas [...]” (SAÚTE, 2007, p.181). Conforme Standage (2005), a Coca-cola seria o símbolo do consumismo e do capitalismo americano que exerce influência em todo mundo, não sendo à toa que:

Para aqueles que aprovam os Estados Unidos, significa liberdade econômica e política de escolha, consumismo e democracia, o sonho norte-americano; para os que os desaprovam, representa o capitalismo global cruel, a hegemonia das corporações e marcas globais, e a diluição das culturas e dos valores locais, na direção de uma mediocridade homogeneizada e americanizada. (STANDAGE, 2005, p.136)

No momento de colonização em que Moçambique se encontrava, a Coca-Cola representava um símbolo de um capitalismo duro, do consumismo forçado e de uma provável diluição da cultura moçambicana, já que essa era mais uma das influências trazidas pelo colonizador que não tinha a preocupação com os valores e as tradições da cultura do colonizado, mas sim, com a forma pela qual ele iria lucrar.



Com base nesses dois contos, a nossa intervenção em sala de aula foi proposta também como uma atividade de comparação, a partir de atividades de interpretação dos textos. Nas atividades, solicitamos que a turma identificasse as semelhanças e diferenças entre as duas narrativas. Dentre as respostas dadas pelos estudantes para a primeira questão: [Após ter realizado as atividades de interpretação dos contos em questão, percebemos que há algumas semelhanças entre eles. Que semelhanças são essas? Justifique sua resposta com trechos das narrativas.], sobressaíram-se as respostas do estudante 13 (E.13). “Uma semelhança é que nos dois contos se falam na coloração da mão dos negros. Outras semelhanças são que o cristianismo está presente em ambos os textos” (resposta do E.13).

Observando essa resposta, vê-se que, apesar de não citar o racismo subjacente às narrativas, esse aluno identificou tanto a semelhança por parte da coloração da palma das mãos - esquecendo de citar a sola dos pés - quanto o fato de que ambas narrativas trazem elementos do Cristianismo.

No primeiro texto, a mulher do camponês revela o seu desgosto ao ver que os filhos haviam ficado pretos, por isso, seguindo a orientação de São Pedro, os levou para se lavarem no rio sagrado a fim de serem curados. Pode-se ver uma passagem semelhante a essa na *Bíblia sagrada*, Naamã, - comandante dos exércitos de Ben-Hadade II, no tempo de Jorão, rei de Israel -, é curado de lepra, ao seguir o conselho de profeta Eliseu que diz: “Vá e lave-se sete vezes no rio Jordão; sua pele será restaurada e você ficará purificado” (BÍBLIA, 2009, II REIS 5:10-15). Comparando essa passagem bíblica ao conto, pode-se inferir que, se segundo a tradição cristã a lepra poderia ser curada com um banho de rio; no conto, ser negro poderia ser comparado a uma doença que teria cura com um procedimento semelhante, conforme é percebido também por um dos alunos que, na sua atividade de interpretação do conto “Porque o negro é preto” acrescenta um comentário, fazendo essa comparação do conto com a bíblia, como pode ser visto abaixo.

O conto é bem parecido com uma história bíblica, mais na bíblia o caso não era por ser negro e sim leproso. Pois naquela época os leproso eram afastados da sociedade por serem leproso, na bíblia Naamã era rico porém leproso e foi até o profeta Eliseu que o mandou banhar-se no Rio Jordão e ele ficaria São. (comentário extra do E. 6)

Observando esse comentário, compreende-se que o estudante fez a leitura do texto, associando as informações encontradas nele ao seu conhecimento de mundo, colocando em destaque a função da literatura como um importante auxiliar no processo de reflexão do ensino/aprendizagem. Poder-se-ia dizer, segundo a tradição oral brasileira, que ser negro é estar/ser doente de uma patologia que, se pensarmos a lepra à luz da tradição religiosa, seria uma doença incurável, ou curável apenas com procedimento sagrado. Assim, lembramo-nos de Munanga (2005), ao afirmar que existe um preconceito velado consciente ou não entre professores e estudantes. Para esse antropólogo:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos diariamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p.16)

O conto “Porque o negro é preto” robustece um imaginário coletivo de um binarismo, pois culturalmente, na escola brasileira, vai se relacionar o branco ao rico e o negro ao pobre, desencadeando outros confrontos como bonito e feio, inteligente e não, dentre muitos outros. É Munanga (2005) que também

nos lembra que os professores, de um modo geral, estão despreparados para trabalhar essa questão juntos aos seus alunos, tendo esse comportamento reforçado por livros didáticos com conteúdos preconceituosos, muitas vezes, desestimulando o estudante negro, levando-o à reprovação ou à evasão.

No segundo conto, “As mãos dos pretos”, percebe-se, na resposta do Senhor Frias, a presença do rio sagrado, denominado pelo personagem, lago do céu, no qual, depois de criados, os homens tomavam banho para ficarem branquinhos. Mas, por terem sido criados de madrugada, os negros não tiveram coragem de tomar banho na água fria, por isso, molharam apenas a palma das mãos e a sola dos pés.

Vê-se, portanto, que o estudante identificou, como uma similaridade, a presença do Cristianismo, não verificando que, nas entrelinhas da narrativa, existiria, por assim dizer, certa hipocrisia religiosa, posto que a religião que prega a igualdade entre os homens seria a mesma a dar ao negro a possibilidade de ser branco, como se o “tornar-se branco” fosse a cura dessa moléstia. Para o estudante 13, é clara a presença de elementos religiosos: “Os dois contos abordam a questão do racismo; apresentam o cristianismo como elementos religiosos (resposta do E.13).

No conto africano, o racismo apresenta-se em diferentes momentos, dentre os quais se pode citar o fato de que, para Dona Dores, as palmas das mãos dos negros são mais claras do que o restante do corpo para não sujar a comida dos patrões, ou seja, os negros já nasceram em condição de subalternidade. Outro elemento é a justificativa de senhor Frias ao dizer que, quando Deus criou os homens, mandava eles tomarem banho no rio sagrado para ficarem branquinhos. No entanto, os negros ficaram dessa cor porque a água estava muito fria e eles só tiveram coragem de lavar a palma das mãos e a sola dos pés, o que os faz terem essas partes mais claras do que o restante do corpo.

Comparando o negro a um ser irracional, o Senhor professor afirmou que os negros eram assim porque seus avós andavam como bichos do mato com as mãos apoiadas no chão, fazendo com que a palma das mãos e a sola dos pés deles não tomassem sol. Também trazendo, em seu discurso, o racismo, o senhor Padre afirmou que os seus catequistas não prestavam para nada e que até os pretos eram melhor do que eles, pois a palma das mãos deles são mais claras do que o restante do corpo; na sua ótica, isso aconteceu porque eles sempre ficavam postos a rezar às escondidas, já que não tinham permissão para entrarem nas igrejas.

Para o capitalista Senhor Antunes, a palma das mãos e a sola dos pés dos negros seriam mais claras do que o restante do corpo, porque Jesus, Deus, a virgem Maria, os Santos, os anjos e os demais espíritos que estavam no céu fizeram uma reunião e resolveram fazer seres humanos pretos. Para isso, pegaram moldes usados e como o brasido (no qual eles deveriam ser cozidos) estava ocupado, penduraram os negros nas chaminés, o que os fez ficar com as partes do corpo em questão mais claras. Assim, vê-se que, mais uma vez, a cor negra é vista como algo negativo, como o leproso que deve ser sarado no rio sagrado, da mesma forma que no conto brasileiro em que Santo Pedro aconselha a mãe a levar seus filhos a esse rio para que eles voltassem a ser brancos.

Percebe-se, no conto moçambicano, certa ironia dos personagens ao justificarem a cor da sola dos pés e da palma das mãos dos negros, haja vista que uma das mais malélicas teorias impostas na África foi a da superioridade de raças⁶. Fica claro o racismo arraigado na formação cultural, inclusive de alguns negros

6 O ensaio sobre a desigualdade de raças humanas, de Arthur Gobineau (1816 - 1882), é, por certo, uma das principais fontes de diversos racismos. Gobineau e Chamberlan (1855 – 1927) estariam nas bases da inspiração de Adolf Hitler (1899 – 1945). Bastante influenciado por Schopenhauer e Byron, Gobineau, importante escritor francês do século XIX, ainda hoje é tema de debate, pois, para alguns, a sua teoria teria sido tão somente mal interpretada. Entretanto, deve-se ressaltar que, para Gobineau



que, mesmo sabendo da injustiça sofrida, aceitam a submissão de sua raça, conforme se pode perceber nas falas de alguns personagens como a de Dona Dores, contrastando a aparência e a realidade, posto que, ao responder ao questionamento da criança, ela parece ser, em primeiro plano, uma simples anciã que conhece uma história e a estaria repassando; no entanto, observando novamente o contexto da narrativa, identifica-se que a personagem toma parte de sua experiência para trazer uma justificativa para um fato questionado, configurando, dessa maneira, uma realidade.

Identifica-se, nessas narrativas o tom maléfico que sustentou os estereótipos discriminatórios criados ao longo da formação cultural. Conforme Munanga (2005), há quem diga que o preconceito está arraigado entre os ignorantes, pessoas sem formação. Mas, o que se percebe no dia-a-dia é que independente do lugar ou da formação acadêmica, “o preconceito é produto das culturas humanas que, em algumas sociedades, transformou-se em arma ideológica para legitimar e justificar a dominação de uns sobre os outros” (MUNANGA, 2005, p. 18). Tal assertiva é perfeitamente compreendida no conto *As mãos dos pretos*, pois, nele, observamos diversos segmentos sociais manifestando a sua opinião racista subjacente ao comportamento humano.

Nessa leitura com estudantes do ensino médio, muito embora tenha havido uma importante reação em relação ao racismo, houve um relato que muito nos chamou a atenção, sobre o que se pôde aprender com a leitura. Para E.12: “[...] apesar das diferenças, não devemos criticar tantos os negros, pois apesar de tudo, são humanos como nós brancos, e não são nem melhor nem pior, todos iguais”. Esse relato se mostra emblemático, pois parece ecoar uma voz que, sempre vem à tona quando essa discussão é trazida à baila. Munanga (2005, p.15) dá-nos o suporte necessário para entendermos a fala desse estudante. Para ele, a formação eurocêntrica é tão forte que reproduzimos consciente ou inconscientemente opiniões e visões do negro que estão na nossa formação social, resultando em preconceitos que estão presentes em nossa sociedade. O racismo faz parte de nosso inconsciente coletivo sejamos brancos ou não e cabe a nós, professores, o papel de transformar essa história.

Entendemos que o produtos das discussões nessa turma colocou em destaque a necessidade de se debater a respeito do racismo como algo ainda presente na nossa cultura, observando-se o quão importante é o cuidado para com a concepção do outro. Precisa-se lembrar que o outro é muito mais do que aquilo ao qual é restringido; de acordo com Fleuri (2003), ele põe em questão não só o que somos, mas também, a imagem que construímos dele, enquadrando-o.

A leitura literária entre estudantes do ensino básico constituiu-se, segundo as nossas percepções, como um elemento que confirma a noção central dos estudos de Abdallah-Preitceille (2002) que vê na literatura um suporte fundamental para uma educação intercultural. Para ela, nenhum outro texto é capaz de instigar, provocar e fazer aflorar opiniões, crenças (KNAPP; BECK, 2008, p. 557), como o literário e isso foi percebido ao longo de nossa experiência de leitura.

Considerações finais

Ao longo do processo que buscou levar oralitura africana para estudantes de Língua Portuguesa, a fim de promover diálogos interculturais, verificou-se que boa parte deles enxergaram semelhanças e diferenças entre as narrativas objeto de estudo e, sobretudo, entre as culturas investigadas, mas também

(1967), quanto mais ariano (louro, de olhos azuis) maior superioridade exerceria sobre outros brancos. Logo, o negro estaria na base da inferioridade racial humana.

constatarem que as ações diferentes justificam-se pelo fato de se tratarem de culturas distintas. Tal elemento é visível em alguns dos relatos como o do estudante 18 que afirma sobre Brasil e Moçambique: “As duas culturas têm aspectos diferentes, mas quando estudadas elas se completam”. Ou ainda na fala do estudante 13 ao afirmar que: “O que se pode aprender com os contos é que em toda cultura há o racismo, não é uma regra de determinada cultura. Devemos aprender a respeitar o outro como ele é”.

Nesse sentido, ressalta-se que o diálogo cultural na sala de aula constrói uma educação que, de acordo com Silva (2005), é vista como um processo de transformação social que “preocupa-se com o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos, pais e comunidade em geral, para que sejam capazes de realizar uma leitura crítica da estrutura social em que estão inseridos” (SILVA, 2005, p.39). Em outras palavras, nesta pesquisa, o diálogo cultural pôde apresentar para os alunos as culturas moçambicana e brasileira, ao mesmo tempo em que se propunha um diálogo entre elas, procurando não apenas conduzir os alunos a refletirem sobre os estereótipos existentes, no nosso país, a respeito das culturas africanas que fazem parte da nossa matriz cultural, respeitando as diferenças existentes entre essas culturas, mas também aprendendo com essas diferenças, e sobretudo, entendendo o porquê das semelhanças percebidas entre as culturas africanas e as brasileiras, reafirmando-se culturalmente.

A abordagem intercultural na sala de aula, pelo que se notou nesta pesquisa, gerou reflexões sobre as diferenças existentes entre as culturas estudadas, entendendo que cada cultura possui suas peculiaridades. A educação intercultural tem como objetivo desmistificar esses estereótipos, fazendo com que os alunos compreendam a necessidade de aceitar e até aprender com as diferenças.

REFERÊNCIAS:

- BARCELOS, Ana Maria. Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas. *Revista Linguagem & Ensino*, v.7, n.1, p.123-156, 2004.
- BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução da editora Ave-Maria. Edição Claretiana. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2009.
- BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CASCUDO, Luís Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- FINNEGAN, Ruth. *Oral literature in Africa*. Turin: Mark. vol. 1, 2012.
- FREITAS, Neide. *Oralidade, literarização e oralização da literatura*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2010.
- FREURI, Reinaldo Matias. *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*. Paris: ed. Pierre Belfond, 1967.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kreschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.



- KNAPP, Paulo; BECK, A.T. “Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva”. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. Rio de Janeiro, 2008, p. 54-63.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- NUNES, Susana Dolores Machado. *A milenar arte da oratura angolana e moçambicana: aspectos estruturais e receptividade dos alunos portugueses ao conto africano*. Lisboa: CEAUP, 2009.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SILVA, Kléber Aparecido. Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na Linguística Aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro. *Linguagem & Ensino*. Pelotas, Universidade Católica de Pelotas v.10,n.1, p.235-271, jan./jun.2007
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. “Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras”. In.: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da educação, 2005, p.155-172.
- SAÚTE, Nelson (Org.). *As mãos dos pretos: antologia do conto moçambicano*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- STANDAGE, T. *História do mundo em seis copos*. Trad. Antônio Braga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- STIERLE, Karlheinz. “Que significa a recepção dos textos ficcionais?”. In: JAUSS, H. R. [et. al.] (Org.). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.133-181.

Texto recebido em 24 de agosto de 2016 e aprovado em 31 de agosto.

ANEXOS:

Conto brasileiro “Porque o negro é preto”

Por que o negro tem a sola e palma das mãos inteiramente brancas? É uma pergunta para iniciar uma história de quando Cristo andou na Paraíba. Mestre Alípio, vaqueiro conceituado, administrador do Engenho Itaipu, foi logo dizendo o que sabia a respeito. Não se fez de rogado. E contou que era voz corrente, disso sabendo desde menino, que Jesus, “ao aparecer por aqui”, costumava passear por todos os recantos numa como visita da inspeção.

Avistando-o a distância a mulher de um camponês ficou envergonhada de ser muito moça e já possuir 16 filhos e, então, meteu alguns deles escondidos num quarto. Esperou que chegasse a vez de ser interrogada, o que não tardou. Jesus, aproximando-se, perguntou-lhe se aqueles meninos que estavam no terreiro eram seus filhos, obtendo resposta afirmativa; e indagou ainda se estava satisfeita com a instalação, passadio e condições de vida. A casa lhe parecia bem grande, até confortável. E de repente se mostrou com a curiosidade de saber o que havia no tal quarto onde as crianças se achavam ocultas. Respondeu a jovem mãe, um tanto embaraçada:

– É um depósito de carvão.

Despedindo-se e abençoando a todos, Jesus teve estas palavras sentenciosas:

– Sendo carvão não mudará a cor.

Depois a mulher foi soltar o resto de sua ninhada e ficou surpreendida em ver que os filhos estavam pretos. Por causa de uma mentira se tornara mãe de oito filhos negros. Seu desgosto não podia ser senão enorme. Que fazer, então? Revoltada consigo mesma, não escondia a sua tristeza, até que um dos apóstolos de Jesus, o santo Pedro, recomendara, cheio de confiança:

– Leve os meninos ao Jordão e faça-os banhar nas suas águas que eles ficarão brancos.

Porém quando a camponesa chegou com a metade de seus filhos às margens do rio sagrado, inexplicavelmente este se achava quase seco, com um fiozinho de nada correndo, mal chegando para que as crianças pudessem molhar a sola dos pés e a palma das mãos. E como estivessem com sede, beberam gotas apenas para enganar o desejo, resultando de tudo isso ficarem brancas aquelas partes do corpo, inclusive a boca.

– A boca, Alípio? – Interrogamos.

– Sim senhor – respondeu ele. E acrescentamos:

– A água foi pouquinha, dando apenas para clarear, puxando mais para o roxo.

É a explicação que conhece com fim de decifrar o mistério. Os escravos da Várzea costumavam contar essa história nas reuniões domésticas das senzalas e também da casa-grande, não deixando de fazer as suas “variações de largo fôlego”, entrando detalhes interessantes, enxertos de improvisação, traços de vivo pitoresco, mas o essencial está no que ficou relatado em conformidade com a tradição. E sem tirar e nem pôr.

Conto moçambicano “As mãos dos pretos”

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.

Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver-me a não largar seja quem for enquanto não me disser por que é que eles têm as palmas das mãos assim mais claras. A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa.

O Senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as coca-colas das cantinas já tenham sido todas vendidas, disse que tudo o que me tinham contado era aldrabice. Claro que não sei realmente se era, mas ele garantiu-me que era. Depois de eu lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia desta coisa das mãos dos pretos. Assim:

“Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos



outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados para cozer o barro das criaturas, levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!”

Depois de contar isto o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta desataram a rir, todos satisfeitos.

Nesse mesmo dia, o Senhor Frias chamou-me, depois de o Senhor Antunes de ter ido embora e disse-me que tudo o que eu tinha estado para ali a ouvir de boca aberta era uma grandíssima peta. Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo.

Mas eu li num livro, que por acaso falava nisto, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei onde. Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só pôr as mãos desbotarem à força de tão lavadas.

Bem, eu não sei o que vá pensar disso tudo, mas a verdade é que ainda que calosas e gretadas, as mãos dum preto são sempre mais claras do que todo o resto dele.

A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo. No dia em que falámos nisto, eu e ela, estava-lhe eu ainda a contar o que já sabia dessa questão e ela já estava farta de se rir. O que eu achei esquisito foi que ela não me dissesse logo o que pensava disso tudo, quando eu quis saber, e só tivesse respondido depois de se fartar de ver que eu não me cansava de insistir sobre a coisa, e mesmo assim a chorar, agarrada à barriga como quem não pode mais de tanto rir. O que ela disse foi mais ou menos isto:

“Deus fez os pretos porque os tinha de haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de o haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens. Deve ter sido a pensar assim que ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos”.

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

Quando fugi para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido.